



Gaiato



PORTE PAGO

Quinzenário • 17 de Novembro de 1990 • Ano XLVII — Nº 1218 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

PARTILHANDO

- De repente saltou dentro de mim o «bem-aventurados os que choram...» ao recolher as lágrimas dum trabalhador-operário com a ajuda do Património dos Pobres. Há oito anos começou a fazer a casa com que sonhou a vida inteira: «Ter uma casinha para si e os seus!» E, assim, a foi erguendo em todos os sábados e tempos livres, por vezes, com ajuda de amigos.

Logo que a primeira placa cobriu o chão nu, deixaram a pobre choupana onde o Inverno era companheiro certo.

Oito anos é muito tempo! «O que falta agora vai indo com calma» — disse ele com certo alívio. E a esposa: «Tivemos que fazer uma paragem porque comprámos este sofá, custava-me ver as crianças sentadas no chão». Belo! Parou tudo, (o próprio tempo!), por amor de dois lindos filhos!

- Lembramos sempre com certa alegria interior os milhares de casas construídas ou ajudadas a construir pelo Património dos Pobres. Infelizmente, centenas de famílias já desafogadas economicamente continuam a habitá-las indevidamente.

A figura-se-nos urgente, nestes casos, a venda às famílias que já não precisam. E, o que seria mais belo, mais nobre e mais certo, a entrega voluntária delas a famílias carenciadas. Seria um gesto cristão, evangélico e justo.

Muitos párocos estão preocupados com esta situação. Para retornar à pureza da nascente e na ausência do gesto justo e certo, só a venda.

Para tal require-se a legalização das Fabriquetas Paroquiais; registo e legalização das moradias. Nestes casos, a venda aos utentes está autorizada pela Conferência Episcopal.

- A nossa Obra continua a dar uma ajuda aos Autoconstrutores, bem como a famílias pobres para reparações urgentes.

Fui, na semana passada, dar este recado aos senhores Párocos de S. Romão, Loriga, Seia, V. N. Tázem, Celorico da

Continua na página 4

O problema da Habitação

«**R**EALIZEI, este ano, um grande sonho: pude comprar a minha casa. Aqui vai este bocadinho das minhas poupanças para umas telhinhas.»

Que bem! Por detrás deste cartão vejo uma família feliz. Muitas outras estão a viver a mesma alegria. É grande a multidão que não tem, nem pode alcançar a sua moradia, entretanto. Um sonho que não se realiza; vidas que se afundam e se destroem.

A nível oficial, tarda a chegar uma política de habitação que levante os ânimos dos que vão caminhando a ruminar o sonho de ter a sua casa. Quanto mais tarde, maior a desgraça! A miséria é má conselheira. Arrasta as pessoas para o mundo desumano donde é muito difícil saírem. Aqui, como em tudo, vale o aforismo popular: «Antes prevenir que remediar».

Tenho presente o que se passou, há tempos, com a transferência das famílias que viviam em «ilhas» para habitações económicas razoáveis. Os hábitos criados, ao longo de muitos anos de vida degradada, não desapareceram com a mudança física. Foram com as pessoas para as casas novas. Faltou a educação antes e o acompanhamento depois. As «ilhas» acabaram onde eram, para se instalarem noutros lugares. O problema ficou por resolver, entretanto.

Que dizer do universo das barracas nos nossos dias? São verdadeiros focos de miséria a minar o coração dum povo. Se visses o número de crianças que «vivem» nesses pântanos a apodrecer... Por quê esperar tanto tempo? O problema agrava-se e a solução complica-se.

Quem dera rebentasse da alma da Nação a resposta adequada, capaz de vergar e converter as cabeças tecnicistas e frias dos que têm o poder de decisão! São consoladoras, já, as iniciativas privadas, pela via das Cooperativas de Habitação e pela acção de grupos mais ou menos organizados. A maioria das necessidades, porém, não tem resposta, sobretudo nas zonas urbanas e suburbanas, que os encargos assustam os mais fracos.

Volto-me, agora, para o meio rural. Também aqui o problema da falta de casas é grave. Naquele tempo, Pai Américo deu com o ovo de Colombo. Tudo tão simples e tão eficaz! Milhares de casas viram a luz do dia, em pouco tempo, e outras tantas pessoas adquiriram o direito de cidadania. Tudo tão simples e tão eficaz! Basta que as comunidades se dêem conta do que *são* e da força que *têm*. Um Fundo Social a criar-se em cada paróquia, com meios do povo, geridos com muita devoção, vindos das fontes que só o Amor sabe, seria a resposta certa para os que querem construir a sua casa, mas só ganham para comer e vestir. Quem começa desta maneira ganha autoridade para reclamar dos poderes públicos o que doutro modo não dão. A Igreja não enjeite o lugar que lhe pertence! Quem tem medo nada faz. Não é luz sobre o alqueire o «aqui vai este bocadinho das minhas poupanças para umas telhinhas»? Quem duvida de que um Fundo Social para a habitação nas comunidades paroquiais, constituído por estes «bocadinhos», irá ao fundo?

Padre Manuel António •

TRIBUNA DE COIMBRA

- Dois quadros de vida familiar que vivi nesta semana. Dois *flashes*. Dois contrastes. Um de sabor bem apetitoso. Outro carregado de amargura.

O primeiro teve o seu centro num quarto de doentes, nos hospitais. Fui com os filhos visitar o pai que estava internado. Recebeu-os com um sorriso de esperança que o tem animado sempre. Reparei que, em cima da mesinha, estava o livro de oração e muitas renúncias. «*Aqui tenho para rezar e para meditar*» — disse aquele doente. Na despedida, os filhos beijaram-lhe a face e a mão: «*A sua bênção, meu pai*».

Ficou viúvo quando os filhos eram pequeninos. Procurou criá-los o melhor que soube e pôde, com muitas renúncias. «*Procuro deixar-lhes bom exemplo e hábitos de trabalho*.» Correspondem ao seu grande amor...

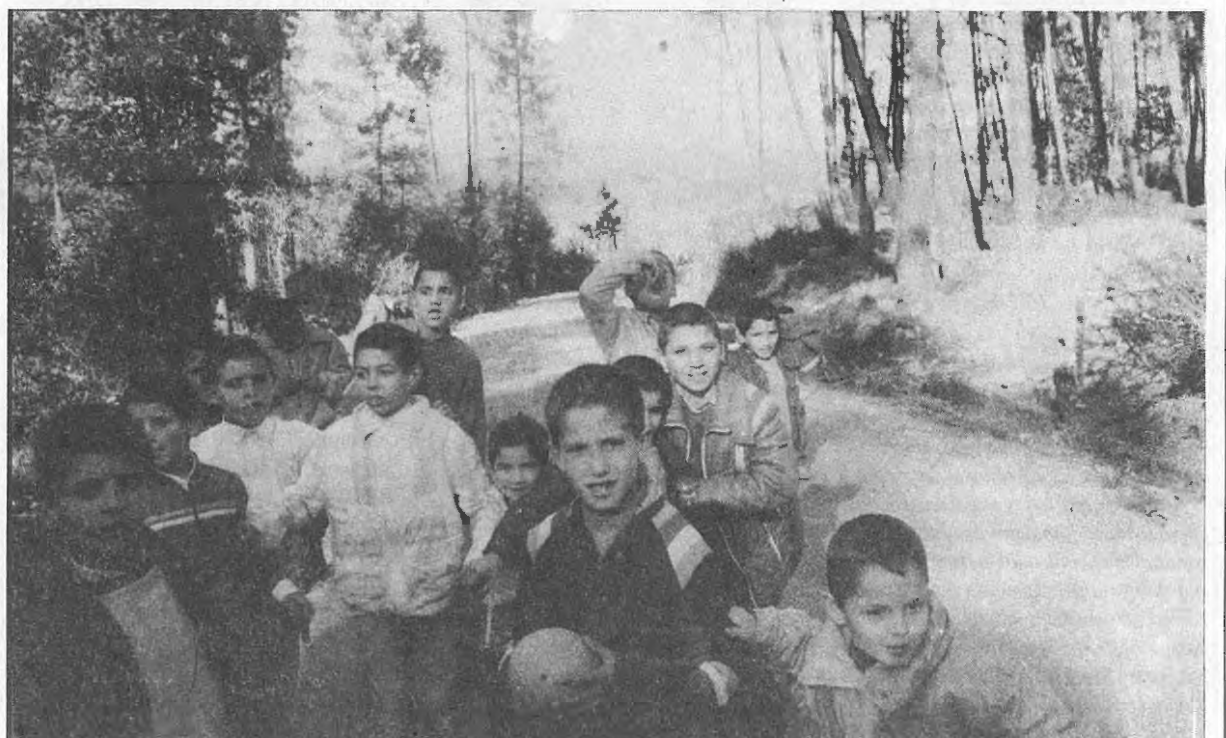
Na viagem falaram do cuidado com a dieta que irão fazer; na melhor companhia que necessitam; de muitos outras coisas boas. Querem todo o bem para o pai que se sente muito feliz com os filhos que Deus lhe deu e que sempre tem estimado como um dom de Deus.

- O outro quadro foi em nossa Casa. As duas irmãs mais velhas vieram com o mais novo: «*O pai pô-lo fora de casa*.» No dia seguinte veio ele. Apresentou muitas razões. Todas razoáveis. Mostrou, mais uma vez, o amor que tem aos filhos.

Parece-me que o centro da discórdia está mais na ausência da mãe que, já há anos, se separou dele. Agora, ausentou-se para o estrangeiro e ninguém sabe para onde. O pai casou de novo e diz que esta mulher é muito amorosa com os filhos que ele já tinha. Todos mostram ter razão.

Despedimo-nos com um beijo e o rapaz ficou. Tem catorze anos, defeitos e virtudes, necessidade do pai e ainda mais da mãe que abandonou os filhos. Fiquei preocupado com mais esta polémica familiar. Deus nos ajude a dar a mão.

Padre Horácio



«Todos eles andavam por lugares tíhosos e hoje não» — exclamaria Pai Américo.

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

• Trabalhou muitos anos, no Porto, como indiferenciado. Entretanto, a empresa abre falência e regressa ao torrão natal mais pobre, quase tão pobre como na infância.

Então, já doente, requer pensão de reforma que não chega para manter o lar, quanto mais a despesa de remédios na botica.

São quadros do quotidiano. Pobreza envergonhada. Às vezes, escondida dos próprios familiares...

A acção Vicente é um pronto-socorro. Sabem Deus os desabafos que se escutam! Como os destoutra pobre mulher, idosa, que vive sozinha, vítima da diabetes que a prostra, lentamente. Já precisa d'óculos: «Vejo cada vez pior!» — lamenta-se; mais pelo custo da armação das lentes. Acudimos, imediatamente.

• A Imprensa diária trouxe uma notícia sobre a pobreza — na riqueza da CEE. Vale a pena citar alguns excertos, pois somos «o País da CEE com maior taxa de pobreza relativa: 33% da população vive com menos de metade da despesa média nacional. A maior concentração de Pobres encontra-se entre as pessoas com mais de 64 anos que vivem sozinhas e as famílias com mais de três filhos. O Eurostat adopta o conceito de pobreza relativa fixado por cada Estado membro e de acordo com o qual se constata a existência, na Comunidade, de 50 milhões de Pobres, ou seja, cerca de um sexto do total da sua população. Segundo os parâmetros mais apertados da CEE, o número de Pobres tendia a alargar-se para 53 milhões de europeus. Na lista dos países com maior número de Pobres, e logo a seguir a Portugal, encontram-se a Irlanda, Espanha, Grécia e Reino Unido.

O conceito de pobreza adoptado não é definido em termos absolutos (como os que têm menos do que o necessário para subsistir), mas em termos relativos (os que têm para gastar menos do que é gasto por uma família média). Nesta óptica, o nível de rendimento dos Pobres é susceptível de grande variação, podendo, pelo menos em teoria, ser considerado pobre num país rico um indivíduo com um rendimento superior à média de um país pobre.

A evolução em matéria de redução ou alastramento da pobreza em cada Estado revela o seguinte: enquanto o número de Pobres se reduzia em França, Espanha, Alemanha Federal e Grécia, aumentava noutros países: mais de dois milhões de novos Pobres no Reino Unido, mais um milhão na Itália, mais 300 mil na Holanda e mais 100 mil em Portugal.

Este aumento pode não implicar uma deterioração da situação dos Pobres em termos absolutos, podendo verificar-se apenas pelo efeito de aumento da despesa média não acompanhada pelo aumento da despesa das classes abaixo da média.

Admitindo que todos os países têm igual população, são ainda mais alarmantes os resultados encontrados para Portugal: a sua percentagem aumenta para 35%. A correcção beneficia, no entanto, os outros países onde se regista o fenómeno da pobreza: Espanha, Irlanda, Grécia e Reino Unido.

PARTILHA — A assinante 35589, de Lisboa, afirma «que há uma grande ter-

nura e luta pela reconstrução da «Casa do Xai-Xai». Vai ser uma casa muito linda, pois tudo quanto é construído sob o olhar do Senhor, é lindo. Não pode deixar de ser lindo! Também quero pôr um pouquinho do meu amor à moradia, na minha oferta deste mês. Que o seu futuro seja um grande santuário de amor, tão grande como o amor de todos os que acorrem à chamada». Mais «uma pequena gota, com muito amor», da assinante 27527.

Remanescente de contas, pela mão da assinante 26762, de Oeiras, por alma do marido. «Uma migalhinha para aquilo que for mais preciso», manda a assinante 8492, do Porto. Cinco mil, de Setúbal, e «não agradeçam, pois é um dever repartir com aqueles que têm falta do bem que Deus nos dá». Partilha de «Uma assinante de Paço de Arcos», com as habituais «saudações fraternas», pondo em dia os meses de Agosto e Setembro. De Ovar, o assinante 42971 remete cinco contos destinados «aos Pobres mais necessitados e mais envergonhados, a cargo da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, por uma intenção minha». O dobro, da assinante 49562, da Amadora, «pequénissima ajuda para o que entenderdes ser mais necessário ou urgente para algum nosso irmão pobre. Peço desculpa pela insignificância desta pequenina oferta. Rogo o anonimato e não agradeçam».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



«Pronto» (foi da Casa do Gaiato de Paço de Sousa) e Maria Dulce casaram em Portugal e residem no estrangeiro.

PAÇO DE SOUSA

UMA VISITA — Durante alguns dias esteve conosco a proprietária do Hotel Imperial, de Aveiro. Ao longo de muitos anos, esta senhora tem dado acolhimento a várias gerações de distribuidores d'O GAIATO naquela cidade.

Foi uma grande satisfação a estadia da D. Deolinda, não só para aqueles que têm beneficiado do seu carinho — na distribuição do nosso jornal em Aveiro —

como para todos nós, que verificámos o amor que dedica à nossa Obra.

SENHORAS — Temos senhoras que nos ajudam, mas estão cansadas e já idosas. Precisamos que haja algumas mais novas, que sejam mães nesta comunidade. Não haverá por aí quem se resolva a deixar os seus e vir ajudar-nos a dar carinho aos mais pequeninos, os «Batatinhas»?

VISITANTES — A nossa Obra continua no coração do povo. Por isso, todos os dias recebemos visitantes, de todo o País.

Ficamos sempre muito contentes com a presença dos nossos Amigos.

OBRAS — Nesta época do ano há sempre muita biscatada! Os trolhas e os pedreiros têm sempre que fazer. Reparações no interior das moradias, telhas e vidros partidos, etc.

A reparação da casa-mãe está mais adiantada, mas o prédio da antiga oficina de tipografia sofre um compasso de espera. É pena, pois irá lá ficar um bom salão para os mais pequeninos, os «Batatinhas».

FUTEBOL — Voltámos a defrontar, no dia 1, a vizinha equipa das Cavadas. Foi um jogo bem disputado, mas falhámos um penalti. Resultado final: 0-0.

Agora, vá lá um desabafo: A malta não está a interessar-se pela equipa e o treinador não tem sido rigoroso, pois não tem havido treinos. Mas esse problema será resolvido!

KARATÉ — Estamos no bom caminho. É bonito ver os novos karatecas a treinar. Já temos cores, no grupo: branco, amarelo e verde. Esperamos que, daqui, saiam bons especialistas desta arte marcial.

Luprincínio

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Ao longo deste ano, pres-tes a findar, foi graças à valiosa contribuição dos leitores e ao nosso empenho e amor sempre disponíveis, que conseguimos dar resposta cabal a inúmeros problemas que se nos deparam.

Mas, como deveis imaginar, a tarefa está longe de chegar ao fim. Há sempre tristes e difíceis situações que surgem, solicitando a nossa ajuda, apanhando-nos, por vezes, desprevenidos, mas que urgem ser resolvidas.

Como nos dói o coração ao depararmos com crianças tristes, sem alento, desprovidas de alimento, atenção e carinho! Também lutamos por elas com todas as nossas forças no sentido de minorar o seu sofrimento, para que possam ter um futuro mais risonho. Na época natalícia a aproximar-se, quantas delas gostariam de receber um simples presente, um brinde, com carinho.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Assinante 10070, 1.000\$00; anónimo, 1.000\$00; anónimo, 5.000\$00; anónimo, 5.000\$00; assinante 14590, 1.000\$00; assinante 9708, 4.000\$00; Maria Bernardete, 5.000\$00; assinante 22801, 3.000\$00; de Almada, por alma dos netos, 4.200\$00; anónimo, 1.000\$00; de uma nossa irmã em Cristo, 20.000\$00; anónimo, 5.000\$00; assinante 4630, 5.000\$00; anónimo, 5.000\$00; assinante 11986, 3.000\$00; anónimo, 5.000\$00; da nossa amiga, da Holanda, 7.000\$00.

Casal vicentino



Nuno Gomes Campos, neto do Joaquim Gomes de Paço de Sousa.

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

FORA DO JOGO. Já lá vão quase trinta anos que o conheci na Casa do Gaiato. Era refeiteiro e era ladino. Um pré-adolescente todo *prafrentex!*... Saí. Ele ficou. Mais tarde, encontrei-o já casado e a resvalar pelo vício do jogo. Tinha um bom emprego; era um pequeno senhor. Um senhor que *cravava* os amigos para tapar os furos da jogatina... Quando, entre os *antigos* se falava dele, sentia-se um querer tapar (por pudor) e um querer avisar para fugir — como se de peste se tratasse.

Logo na primeira reunião mensal em que participei, um dos assuntos em agenda era o caso dele. Estava desempregado e viera pedir ajuda. Havia ali cartas a expor a situação. Ouvi. Auscultei. Mostrei-me de *travão às quatro rodas*. Anos antes já eu tinha sido escaldado. Entretanto, o presidente da Associação dá mais pormenores sobre o assunto e desafia-me a irmos lá os dois para ver e estudar melhor o caso. Nestas coisas de ajuda há que saber ajudar. O bem deve ser bem feito. Se pudermos ensinar a pescar, não precisamos (não devemos!) dar o peixe. Seria alimentar malandros... preparar criminosos.

Fui. Vi. Ouvi. Minha opinião pode não ser ainda de todo correcta. Mas ele pareceu-me outro. Outra cara. Outro hálito. Outro discurso. Sogro, mulher, filhos — tudo ali a querer dar a mão. Para que ele passe a ser o senhor que fingia ser, mas não era...

Agora, o caminho da verdade está a ser duro. Sua última «jogada» foi esta: apertado pelos *cães* por ele criados, vai ter com a administração da empresa para quem trabalhava. Propõe-se negociar o emprego, para matar, de uma vez por todas, todos aqueles *cães* que o não largam. A porta do emprego, na rua, à porta de casa.

A administração conhecia bem o trabalhador e o seu vício. Estudam-se prós e contras. Em termos profissionais, o nome dele, na empresa, estava limpo. Mexia muito com muito dinheiro, mas nunca mexeu no dinheiro da empresa. Assiduidade, pontualidade, qualidade de serviço... nada que se lhe aponte. Avaliam-se as dívidas, avalia-se a indemnização. A coisa fica ela por ela. Os mil e muitos contos vão-se todos para os credores. E o falso senhor, já com quarenta anos feitos, começa agora do zero. Topa a tudo para fazer face às despesas do lar: lavar pratos ou cuidar de quintais, até arranjar um empregueinho mais adequado.

A Associação e a Casa do Gaiato estão a dar uma mãozinha para um ou outro ponto mais crucial.

— Eu sei que tenho de as pagar, para aprender, diz ele. Saí da Casa do Gaiato com os olhos fechados... Julguei que tudo eram rosas e fui-me afundando. Agora está a ser duro. Ainda há tempos, aí num restaurante onde fiz as férias de um servente de mesa, quando me aparecia alguém conhecido, eu sentia-me morrer de vergonha. Quantas vezes tive de me esconder nos sanitários e deixar as lágrimas correr. Mas hei-de levantar-me. Quero é que não falte o pão aos meus filhos. O mais velho do zero. Topa a tudo para fazer face às despesas do lar: lavar pratos ou cuidar de quintais, até arranjar um empregueinho mais adequado.

Oh, mistério da iniquidade que assim afasta o homem do bom caminho! Oh, mistério do Bom Deus que assim empurra o homem para a «senda estreita» que — só ela! — conduz à Vida Eterna!

Abel Magalhães

FESTA DE NATAL. Será no dia 16 de Dezembro, às 15h., a Festa de Natal dos filhos e netos (mais pequeninos) de antigos gaiatos, na sede da Associação, Rua D. João IV, 682, Porto. Recebemos inscrições até 24 do corrente e pedimos a comparência de todos.

Fernando Marques

SETÚBAL

As nossas obras têm-me tirado a disponibilidade e a capacidade de participar na feitura do jornal. Programámos, no princípio do ano civil, substituir o madeiramento do telhado do grande edifício onde se instalaram as cinco casas dos rapazes e trocá-lo por uma estrutura de betão armado e pré-fabricado.

A dificuldade de mão de obra capaz levou-nos a começar na última semana de Agosto o que devíamos ter iniciado nos princípios de Maio para evitarmos o período das chuvas.

O mês de Outubro, com as cargas de água contínuas, amargurou-nos, inundando uma parte grande do casarão, obrigando-nos a um trabalho redobrado de apanhar a água de cima da última placa, debaixo de chuva intensa, três e quatro vezes ao dia.

Uma tarefa ingente e um prejuízo enorme que conseguimos minorar com o trabalho e a boa vontade dos rapazes.

Fazer obras de construção civil hoje, é muito difícil e tremendamente caro.

Fazer obras à maneira dos Pobres, aproveitando a nossa mão de obra, é excessivamente exigente. Os rapazes têm sido os grandes obreiros. Nos intervalos das aulas e do estudo, aos sábados e feriados e ainda no final das férias grandes, eles foram e são o grande valor onde assenta a capacidade de nos atirmos a uma empresa desta dimensão.

Eles tiraram as telhas, arrumaram-nas e limpam-nas. Renovaram o

madeiramento podre e os lixos abundantes. Fizeram a massa de cimento e chegaram-na aos pedreiros. Descarregaram e subiram os grandes perfis e as ripas de cimento. Betonaram as grandes vigas e as cumeeiras. Serviram de carpinteiros e armadores de ferro, etc.

Todos os materiais são adquiridos por nós. Comprados, pedidos e carregados com os nossos transportes.

Poderíamos ter entregue a obra a um empreiteiro por x e lavarmos as mãos. É assim que faz o comum dos homens. Nós, não. O dinheiro não chegaria. A obra não seria tão bem fiscalizada e feita com segurança e rigor e os rapazes desperdiçariam a oportunidade única de aprender pela prática o que é a construção civil e o que custa reparar uma casa. Mais, a casa é nossa. Fomos nós que a fizemos. Sai-nos do suor e da inteligência. Enquanto a recons-

truirmos, construímos a nossa própria família. Com quanto mais dificuldade tanto mais proveito afectivo e humano.

Se visses o «formigueiro» a limpar as telhas e a carregá-las duas a duas, escadas acima, contemplarias uma cena de rara beleza que as Casas do Gaiato repetem em várias circunstâncias.

FEIRA DA LADRA — Quando esta pequenina notícia chegar aos olhos do leitor já se realizou, em Setúbal, a «feira da ladra» que tradicionalmente o *Lyon's Clube de Setúbal* promove a favor da Casa do Gaiato.

É uma iniciativa de amigos que dada a sua posição social e o seu fácil relacionamento com outras camadas de gente mais rica poderá adelgaçar o camelo a fim de que ele entre no furo de uma agulha. Um

rico é sempre um rico. A Sabedoria Divina viu que era muito difícil que eles percebessem algo do Reino dos Pobres que é sempre o Reino de Deus.

Quando o Padre Américo, há quarenta anos, visitou a cidade do Sado e contactou com eles e daqui se retirou de bolsa vazia, exprimia-se assim n'O GAIATO: «Eu vi logo o terreno que pisava!» Nestas largas dezenas de anos tenho vivido a experiência lúcida e amarga do Evangelho. Se não fora o que me vem de longe, trazido pelas colunas d'O GAIATO e aquilo que os pobres e remediados repartem conosco, a Casa do Gaiato seria ainda o casarão amargo sem perspectivas para os que abriga e a ela recorrem. Um rico a repartir na medida das suas possibilidades é uma excepção à regra. São muito raras as excepções.

Até por isto a «feira da ladra» tem muito mérito.

Padre Acílio

DOCTRINA



Ama os homens, odeia o crime.
Santo AGOSTINHO

• Ando agora a fazer a via-sacra das Cadeias, tendo começado pela de Oliveira do Hospital. A Doutrina de Jesus, a mais alta conhecida, que é sempre Boa Nova, parece que sobe de grau e de beleza pregada aos Oprimidos do mundo, tanto fora como dentro das Prisões: «Vinde a mim todos!»

• Os juízes conhecem as leis, os sacerdotes as consciências. Se nós apedrejásemos crimes em vez de criminosos, seríamos todos mais justos e menos agressivos porquanto ele há muitos elementos e factores atenuantes na vida deles: educação, lupanar, taberna, miséria, tendências, laicismo.

• Nós, chamados a parte sã da sociedade, porque escapamos à alçada dos juízes, seremos melhores e mais virtuosos? Tendo à mão tantas armas de defesa, somos na verdade mais fortes? Não é sabido de toda a gente que se concebem e praticam no mundo infinitos crimes, encobertamente uns, às escâncaras outros e todos impunes, também por vários factores: sorte, fortuna, astúcia, categoria, *saber* de advogados, mentira de testemunhas? De tal guisa que uns injustamente sofrem e outros injustamente gozam, porquanto a justiça dos homens é ordinariamente feita de injustiças; e fica sempre de pé o aviso do Mestre, Justo Juiz, à beira da adúltera do Evangelho: «Aquele que tiver a consciência limpa atire a primeira pedra». E ninguém atirou. Reza pelos encarcerados; não os julgues.

• O Sacerdote deve ser no mundo ponto de referência para que todos possam atinar com o Céu, fixando nele o olhar. A palavra de ordem e voz de comando não-de sair da sua boca, porquanto mais ninguém foi encarregado de tal missão. «Assim como o Pai Me enviou, assim Eu te envio.»

• Dizem que na sede das comarcas há, geralmente, homens sem crença, indiferentes, agressivos dos princípios cristãos; e pode muito bem ser que assim aconteça. Mas, chegada a hora de fazer bem, todos se sentem irmãos, tomam parte activa na festa dos Reclusos, querem dar de comer e de vestir e guardam misteriosamente no coração as palavras de Vida Eterna que religiosamente escutam. Foi assim na comarca de Oliveira. «Tome lá 20\$00 para o jantar dos Presos»; e uma pancada de arroz doce, de alguém a quem se pediu uma travessa; e tabaco e açúcar e café e o mais que no papel se não lança.

O. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2º Vol.)

ENCONTROS

em Lisboa

«Não há nada como realmente», dizem-me aqui em Casa. E a verdade é que acontecem vidas que nos enchem de alegria. São factos simples do dia-a-dia. Reflectem profundidade como só as coisas simples sabem fazer. Gostaria de partilhar com os leitores o perfume de duas flores aqui nascidas e colhidas ao acaso, na voragem dos acontecimentos diários.

O primeiro caso passou-se à refeição. Quando há lugares vagos à minha mesa, costumam ser disputados, muitas vezes, por aqueles que mais dificuldades têm ou mais carenciados se encontram de um carinho, uma atenção, um mostrar que vivem. Gosto de os ver ali sentados e consolo-me de os ver comer, ali, à minha frente. Estavam o «Melão» e o António. O «Melão» precisou de água. Sem mais cerimónias levantou o copo na minha direcção e disse: «Água». Já me inclinava para o jarro e oiço o António sussurrar-lhe ao ouvido: «Diz, se faz favor». Oiço de imediato o «Melão» corrigir-se: «Sr. Padre, água, se faz favor». Entre ambos, uma troca de sorrisos cúmplices e dentro de mim, a contemplação alegre do que pode a correcção fraterna. Dois miúdos de dez anos que nos dão exemplo e que aprendem os caminhos normais da vida. Não esperava aquela sensibilidade do António, por isso mais gostosa a minha satisfação.

O outro motivo de contemplação veio do Hélio. Em Agosto, tinha-me falado da possibilidade de ir praticar pastelaria nos dois meses que mediavam entre o terminar do curso

de pasteleiro e o ingresso na tropa. Foi momento de conversa onde apareceram, dispersos, elementos diversos, como o facto de precisar de voar em direcção ao futuro, pois a Casa que o criou, no interior, já pouco lhe poderia oferecer; talvez lhe pudesse ainda dar bastante com a sua responsabilidade e o seu exemplo... Ficou assente que iria aproveitar esses dois meses.

Já Outubro tinha começado e o Hélio andava, todo ocupado, a dirigir os miúdos e preocupado com dar o lugar certo às coisas desarrumadas. Perguntei se tinha falhado

o tal emprego em que iria praticar mais. A resposta saiu simples: «Não podia ir, pois vi que em Casa estava a ser preciso para descansar um pouco o chefe que fez o trabalho durante todo o ano e decidi dar-lhe um pouco de descanso durante estes dois meses».

Não são precisos comentários. A vida está aí.

A sedução do Evangelho continua. Que alegria quando isso acontece em nossas Casas, com os nossos rapazes!

Padre Manuel Cristóvão

Cantinho das Senhoras

— Quem é ou são os destinatários?

— Todos quantos estas linhas lerem e para aqueles que, porventura, não possam ou não saibam ler (os gaiatos mais pequeninos) aqui vai o meu grande xi-coração de muita amizade e carinho.

Foi convosco que decidi partilhar alguns dias de férias: Parti para Paço de Sousa confiante que iria aprender muito convosco.

Assim aconteceu! Sem nos conhecermos uns aos outros, logo nos sentimos família. Eram os vossos olhinhos reluzentes e cheios de curiosidade; as perguntas umas atrás das outras; braços estendidos como quem pede... Eram corações cheios de algo para dar... e os vossos tenros anos a pedir-me algo que vos pudesse oferecer...

Foram dias de uma experiência enriquecedora. Senti-me um de vós! Acreditem!

Quando regressei ao meu trabalho, por um lado com mais energia recuperada em tempo de férias, por outro, muito inquieta, por ter constatado e sentido convosco a falta de uma presença feminina — de uma mãe — que pudesse acompanhar e dar o carinho que só uma mãe sabe dar.

Meus queridos, apesar deste meu silêncio, não vos esqueço. Tenho-vos todos bem presentes no meu pobre coração, mas os «Batatinhas»... esses não consigo desprender-me deles! Recordo e revivo a hora em que vos ia deitar. Olhinhos fixos no meu olhar, sempre bem atentos, aguardando um beijo e um *até amanhã*...

A todos quantos lerem estas linhas, atrevo-me a pedir que rezem pelas «mães» que as Casas do Gaiato têm e pelas que, sentindo o apelo do Senhor, sintam coragem de responder generosamente para que os «Batatinhas» tenham quem lhes dê o carinho e o beijo a que têm direito.

Espero que o *amanhã* chegará. Confieemos!

Laurinda

TOJAL

CARPINTARIA — Já está a funcionar, mas com pouco trabalho. Não é isto que nós queremos. Ficamos à espera de trabalho dos nossos leitores e amigos.

LAVOURA — Começámos a apanhar da azeitona que, este ano, não parece ser muito rentável. Mas sempre dá uma boa quantidade.

Temos as laranjeiras cheias. Será, outra vez, uma boa colheita.

As chuvas prejudicaram a plantação das couves.

VACARIA — Mais uma cabeça para alimentar: nasceu outro vitelo e as cortes já são pequenas demais.

FUTEBOL — A nossa equipa está invencível!

No dia 13 de Outubro defrontámos os juniores do Zambujal e ganhámos por 3-1. Uma semana depois, em futebol de sete, vencemos por 11-7.

ESTUDANTES — Já referimos, oportunamente, que temos muitos estudantes. Mas no tempo chuvoso é um problema a roupa molhada, por falta de chapéus de chuva. Pode ser que alguma fábrica de guarda-sóis se lembre de nós...

Fontes

A visita do «Passarinho»

Esta, a primeira manhã das minhas férias. Ele pensara ir passar os Santos e os Fiéis em Paço de Sousa, a viver antigas tradições. Porém, ao telefonar para lá, soube que estava perto da sua morada e decidiu-se por uma viagem mais breve, ainda assim umas léguas que fez em bicicleta a pedal.

Não é a primeira vez que evoco o velho «Passarinho». Sempre me

lembro dele na festa de S. Camilo de Lellis; dele e de um «tribunal» de antologia que Pai Américo fez nesse dia, no penúltimo ano da sua vida. «Passarinho» era o visitante quotidiano da senhora Teresa, uma velhinha doente de um extremo da freguesia, a quem ele ia servir o almoço, deixando-lhe já de que jantar — serviço que ele prestava com muita alegria. Daí o «tribunal»... que foi de beatificação.

Os anos correram. «Passarinho» voltou às Caldas da Rainha de onde era natural e dali foi trabalhar na Pousada de Óbidos, ao tempo em que era a concessionária D. Luísa Satanela. Depois veio a «era» da França. Legal ou «a salto», quantos e quantos lá foram dar... Ele também. Foram anos de trabalho duro, aproveitando todas as horas, às vezes as 24 de um dia.

Casou com uma rapariga de Vagos. Ali construiu a sua casa e lá mora desde há pouco, mais cedo do que contava, chamado por outra velhinha que precisava deles: sua sogra.

«É ela, agora, a minha senhora Teresa» — disse-me ele com a sua simplicidade original, recordando a infância e o vínculo da Caridade que nos manteve unidos por sobre os anos e a distância. Sim, a Caridade é intemporal. Tudo se gasta neste mundo! Tudo passa, até a Fé e a Esperança. Só Ela não. «A Caridade nunca acaba!»

Se em cada rapaz que passou pelas nossas Casas, tivéssemos a certeza de um Amigo como temos aqui, éramos os homens mais ricos do mundo! E ainda assim, somo-lo muito, pela graça de Deus. «Um só que se tivesse salvo... e valia a pena!» Mas eles são tantos...!

Agora, o «Passarinho» vai viver da reforma e do seu quintal, que o trabalho é a sua grande diversão. Projecta uma hortazinha de mimos e uma pequenina exploração leiteira. No dia seguinte telefonou-me irradiante: «Chegaram três bezerrinhas. São tão lindas, tão lindas!»

As grandes alegrias podem caber numa alma pequena; nas grandes não cabem: transbordam sempre para outras almas, para as dilatar, para as encher. Olha o pastor que reencontrou a ovelha perdida! Olha a mulher que varreu a casa e achou o dracma desaparecido! O Evangelho é isto: Mais do que Palavra é Vida — palavra de Vida eterna. Os simples, os pequeninos, a quem o Pai Se compraz em revelar os seus segredos, não saberão compor discursos de palavras, mas têm a eloquência da Vida. São evangelizadores, quase por natureza; sem darem conta, arautos da Boa Nova.

A visita do «Passarinho» foi uma fonte que rebentou neste Outono bem chovido. Foi uma bênção para as minhas férias.

Padre Carlos

PARTILHANDO

Continuação da página 1

Beira, Gouveia, Trancoso, Pinhel, Guarda-Sé e estação Gare.

Fiquei muito impressionado com o carinho com que me acolheram e o interesse na resolução dos problemas dos Pobres.

Visitámos algumas casas com os telhados rotos, outros só com as placas. Vamos dar ajuda, digo, distribuir o que nos enviaste.

Mais que instituição, Património dos Pobres deve ser o Evangelho na nossa vida e nosso dia; e vivência do segundo Mandamento — igual ao primeiro — amar os irmãos como a nós.

Quem quer viver num barraco esburacado? Quem não deseja ter a sua casa?

O Património dos Pobres é fonte de união e amor fraterno.

Padre Telmo



Isabel com as panelas da sopa para os Doentes do Calvário

Livros de PAI AMÉRICO

Pão dos Pobres (4 volumes); **Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato** (2 volumes); **Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina** (3 volumes); **Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.**

★

DOUTROS AUTORES: **Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo**, Dr. João Evangelista Loureiro; **Calvário**, Padre Baptista; **A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida**, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; **O Lodo e as Estrelas**, Padre Telmo Ferraz.

★

Pedidos à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

CARTAS

«O GAIATO é uma luz que entrou em casa.

Sou assinante há pouco tempo, mas desde que o recebo tenho-o lido com atenção. Reconforta...

Neste momento tanto o meu marido como eu encontramos-nos numa situação difícil. Eu estou desempregada e ele com insegurança no trabalho.

Peço que rezem ao Padre Américo para que me ajude a ter coragem e forças para continuar esta caminhada.

Assinante 55468»

☆

«Junto uma migalha para os nossos Irmãos que mais precisam. É anónima. Deus vos ajude a terem Força para continuar neste trabalho evangélico a favor dos mais fracos e mais pobres. E a nós, católicos, que Ele nos abra o coração e ilumine para termos coragem de partilhar, na certeza de que o «perder» é «ganhar» e dar é receber.

O vosso jornal é um despertador das consciências!... Sempre em frente bons amigos. Deus está convosco.

Assinante 54251»

«Estive, aí, a visitar a Casa do Gaiato com meu marido, filhos e netos. A realização de um grande sonho que tão difícil foi de concretizar. Mas valeu a pena esperar tanto tempo! Como sou leitora assídua (há já muitos anos) d'O GAIATO todos os cantinhos me eram familiares e... os gaiatos também!»

Dei graças a Deus por esse dia. Deixámos um cheque com o dinheiro que não gastámos em férias, porque as passámos pacatamente na aldeia, em família. Explicámos aos filhos o «porquê» da nossa oferta. Só duma coisa me esqueci: pedir que esqueçam quem deu.

Creio que ainda irá a tempo, pois 'que a mão direita não saiba o que dá a esquerda'...

Que o Senhor dê a todos os que trabalham na Obra da Rua a Força para vencer todas as dificuldades. Quando Deus quer e os homens entendem, para a Sua vontade não há impossíveis.

Creia-me muito amiga e grata por tanto que temos recebido da doutrina do Padre Américo.

Maria Augusta»

☆

«Vai pequena quantia para os mais necessitados. É doloroso conhecer a miséria que vai pelo

mundo. Sou funcionária, mas pesa-me sempre o que me sobra. Acho que Deus nos vai pedir contas a nós, os cristãos.

Fica-se encantada por ver muita gente pedindo para os Pobres, fazendo parte do coral, tomando parte na Eucaristia... Mas será isso Eucaristia?

Ah!, e não se grita, oportuna e inoportunamente que os nossos irmãos têm fome, passam frio, não têm casa.

Seria bom que se gritasse, mesmo que nós não quiséssemos escutar. E, então, muitos que estão fora ficassem a saber quem somos. Sim, porque é difícil saber.

Assinante 54101»

★

«Acabo de ler, n'O GAIATO, a 'Boa Notícia' que tanto me alegrou e apresso-me a enviar os meus parabéns a todos, incluindo

às senhoras que, com tanto amor e carinho, têm amparado a Obra da Rua.

Envio também os meus parabéns ao Padre João e peço do coração a Nosso Senhor que o ajude e guie na nobre missão a que vai dedicar a sua vida.

Assinante 18934»

☆

«Na turbulência dos tempos que correm e onde apenas olhamos para os valores de ordem material quero apagar um pouco daquilo que sou com esta pequena dádiva. Sei que ela terá, em vós, o sentido de matar a sede com autêntico amor.

Assinante 32024»

★

«Junto um cheque, cujo produto paga a assinatura d'O GAIATO — se é que não está em dia.

Não me sobra tempo para a contabilidade, mas tem que chegar para ler o 'Famoso' que procuro sempre seja lido pelos meus colegas bancários.

Assinante 35122»



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 752285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788898